

A adolescência é compreendida como uma construção social que tem repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno. É significada, interpretada e construída pelos homens. A busca da compreensão do que é a adolescência implica entender sua gênese histórica e seu desenvolvimento e, daí, compreender que esse sujeito em construção utiliza de forma subjetiva as informações advindas dos modelos sociais, transformando-as em elementos individuais de sua identidade.

***Maria Luzia da Silva Santana
Marcelo Máximo Purificação***

Adolescência, educação e cultura consumista no documentário “Pro dia nascer feliz”

Adolescence, education and culture consumer in the documentary “For day to be happy”

MARIA LUZIA DA SILVA SANTANA*
MARCELO MÁXIMO PURIFICAÇÃO**

Resumo

Este artigo problematiza a adolescência na sociedade de consumo brasileira a partir do documentário “Pro dia nascer feliz”, que aborda aspectos da vida de adolescentes de seis escolas brasileiras. A partir de um olhar integrativo e abrangente do adolescente na sociedade do dispêndio, considera que o seu desenvolvimento é um fenômeno multifacetado que envolve a pessoa, o aparato biológico, o contexto histórico-sócio-cultural e suas interações sociais. Com base nos relatos dos adolescentes presentes no documentário, sugere-se que é necessário construir caminhos e estratégias para o desenvolvimento positivo deles no contexto escolar.

Palavras-chave: Adolescentes. Educação. Cultura de consumo. Desenvolvimento.

Abstract

This article problematizes adolescence in Brazilian consumer society from the documentary For day to be happy, which deals with aspects of the life of adolescents from six Brazilian schools. From an integrative and comprehensive view of the adolescent in the society of the expenditure, considers that his development is a multifaceted phenomenon that involves

* Doutoranda e Mestra em Psicologia pela Universidade Católica de Brasília/UCB; Professora na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/UFMS; Email: santanapsi@gmail.com

** Pós-Doutor Júnior em Educação pela Faculdade de Psicologia e Educação da Universidade de Coimbra; Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás; Doutorando em Ciências da Educação pela Universidade de Coimbra; Professor Titular no Centro Universitário de Mineiros/UNIFIMES, GO; Email: maximo@fimes.edu.br

the person, the biological apparatus, the historical-socio-cultural context and its social interactions. Based on the reports of the adolescents present in the documentary, it is suggested that is necessary to construct ways and strategies for their positive development in the school context.

Keywords: Adolescents. Education. Consumer culture. Development.

Introdução

A adolescência não é vista aqui como uma fase natural do desenvolvimento e uma etapa natural entre a vida adulta e a infância. A adolescência é vista como uma construção social com repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno e não como um período natural do desenvolvimento. É um momento significado, interpretado e construído pelos homens (BOCK, 2007, p. 68).

“Pro dia nascer feliz”, dirigido por João Jardim (2005) é um documentário brasileiro que relata as vivências de estudantes em escolas através do qual o diretor fez observações e filmagens no contexto do cotidiano escolar; entrevistou professores, diretores e alguns adolescentes. O documentário aborda as mazelas da educação, pontuando problemas como a evasão escolar, a reprovação, as péssimas condições de infraestrutura dos prédios, o processo de ensino-aprendizagem marcado pela metodologia que dificulta o aprender com prazer, etc., e, com esse pano de fundo, apresenta a sabotagem educacional, em que os “números” [os aspectos quantitativos] valem mais do que a qualidade, o que explicaria a distorção entre o crescimento de índices e resultados alcançados pela educação brasileira.

Ao considerar o processo da universalização da educação, em curso com a ampliação de vagas, aponta-se que são necessárias atuações voltadas à superação do gargalo que afunila o número de alunos que permanecem no sistema escolar e a qualificação de estudantes pela escola. Por isso, a educação qualitativa requer mais investimentos financeiros com foco na valorização dos profissionais, na qualidade do ensino e na permanência do estudante na escola.

O presente artigo tem como objetivo discutir sobre ser adolescente na sociedade de consumo brasileira, considerando o contexto escolar. Para isso, foi realizada uma análise do documentário “Pro dia nascer feliz”, com aporte teórico da educação, da sociologia e da psicologia do desenvolvimento.

A perspectiva histórica e social da adolescência

A adolescência é uma construção histórica e social (BOCK, 2004/2007; FROTA, 2007; OZELLA e AGUIAR, 2008), uma criação humana com representação, fato social, psicológico e significado, resultado da cultura e

linguagem que permeiam as relações sociais; daí a necessidade de discussão acerca da temática e dos significados dessa fase do desenvolvimento humano. No estudo com adolescentes de Ozella e Aguiar (2008), uma das características mais marcantes, em todos os adolescentes, foi a reprodução de ideias socialmente instituídas sobre a compreensão do que vem a ser adolescente. Nessa pesquisa, os adolescentes pontuaram esse período da vida como momento de crise, rebeldia, turbulência, tensão, ambiguidade e conflito, sendo, desta forma, a concepção da adolescência universal e naturalizante.

A adolescência é compreendida como uma construção social que tem repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem moderno. É significada, interpretada e construída pelos homens. A busca da compreensão do que é a adolescência implica entender sua gênese histórica e seu desenvolvimento e, daí, compreender que esse sujeito em construção utiliza de forma subjetiva as informações advindas dos modelos sociais, transformando-as em elementos individuais de sua identidade. A abordagem sócio-histórica, ao discutir a adolescência, ao invés de questionar o *que é* a adolescência, procura saber como ela se constituiu historicamente (BOCK, 2004, 2007).

Assim, a adolescência é tida como o período de latência social constituída no contexto capitalista, gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, o que demanda a necessidade do preparo técnico (BOCK, 2004, 2007).

Numa perspectiva contextualista, Senna e Dessen (2012) sinalizam a importância de priorizar as inter-relações dos recursos individuais e contextuais na promoção do desenvolvimento positivo do adolescente. A definição da adolescência ultrapassa aspectos cronológicos e biológicos e adentra o campo das condições sociais, culturais, históricas e psicológicas específicas. Destacam, ainda, a importância de apreender os precedentes capazes de causar mudanças na adolescência que, por sua vez, intensificam os abusos e ensejos dessa fase.

A diversidade de elementos que influenciam o desenvolvimento do adolescente lhe possibilita vivenciar esse período de maneira singular. Assim, o desenvolvimento do adolescente é um fenômeno multifacetado que envolve questões biológicas, o contexto histórico, social e cultural e suas interações com o contexto em que as relações, as organizações, as ideologias e as crenças que perpassam seu convívio influenciam direta e indiretamente em seu desenvolvimento.

Na cultura contemporânea, crianças e adolescentes assumem uma posição social notória, caracterizada pela ampla disponibilidade de bens e serviços (CASTRO, 1998). Eles nasceram e cresceram nesse meio cultural, sendo que a cultura do consumo molda o campo social, contribuindo para que, desde cedo, a criança e o adolescente tenham experiência de consumo (CASTRO, 1998).

Na cultura de consumo, o *ter* equivale a reconhecimento, aprovação e inclusão, rejeitando as manifestações culturais alternativas, o que torna a síndrome consumista marcada pelo descarte, excesso, extravagância, desperdício e velocidade. O espaço da permanência e do desejo é reduzido, sendo possível que o consumidor vivencie as constantes e rápidas mudanças permeadas de incertezas. Esse cenário social é, portanto, permeado por uma cultura globalizada que sofre de forma (in)direta as influências do mercado, da tecnologia e da mídia. As redes sociais são importante forma de associações que se multiplicam dentro desse contexto dinâmico amplamente favorecido pela massificação das tecnologias que disponibilizam múltiplas informações. Assim, o adolescente tem sua identidade (re)construída, permeada pela era líquida e fluida, quando os objetos demarcam as relações e determinam estilos de vida e posições sociais (BAUMAN, 2008). Há, cada vez mais, a preponderância dos processos de consumo, possibilitando que os sujeitos se identifiquem com coisas e objetos que os levem a ser diferenciados dos demais, como também a discriminar e hierarquizar grupos sociais de acordo com os bens que esses possuem (ou não) (CAMPOS; SOUZA, 2003).

As influências do capitalismo geram configurações, arranjos e sentidos que possibilitam vivências diferenciadas da adolescência. Os adolescentes com privação econômica e social estão mais vulneráveis e expostos à violência física. Os que dispõem de capital estão mais resguardados das mazelas geradas pela condição de desvantagem econômica.

A adolescência no documentário “Pro dia nascer feliz”

Existe, na atualidade, uma clareza teórica de que a heterogeneidade de realidades e situações impedem a vivência da adolescência da mesma maneira para todos (FROTA, 2007). Assim, a adolescência deve ser vista e compreendida como uma categoria construída socialmente a partir das necessidades sociais e econômicas dos grupos que a constituem como pessoas. Nesse sentido, os adolescentes entrevistados no documentário “Pro dia nascer feliz”, influenciados pela cultura consumista, pelo contexto cultural e social, têm suas vivências e experiências particularizadas.

Quanto às questões de diferenças econômicas e sociais no documentário, os adolescentes de classe alta reconhecem que as facilidades econômicas lhes possibilitam viver num mundo à parte. A adolescente Mariana, 16 anos, de classe A, estudante do Colégio Santa Cruz, localizado no bairro Alto dos Pinheiros, assinala que, “na essência, a gente é igual, mas está submetido a dois mundos muito diferentes”. O grupo de adolescentes entrevistados ainda pontua que as pessoas pertencentes à classe alta estão dentro de uma bolha e muitos, mesmo a bolha sendo transparente, não conseguem enxergar além dela.

Também Maíse, 16 anos, estudante desse mesmo colégio, pontuou que é

preciso fazer alguma coisa para mudar as diferenças sociais. Aproximando-se dessa ideia, os resultados da pesquisa de Ozella e Aguiar (2008) sugerem que a violência assusta os adolescentes das classes A e B, e que essa é uma questão atual e mobilizadora, mas que, para eles, aparece de maneira abstrata, como um fantasma que ronda suas vidas.

A ideologia do capitalismo impõe barreiras que limitam a superação da desigualdade social e pode afetar os processos de desenvolvimento dos adolescentes. Sobre essa questão, no documentário, Fátima, diretora da Escola Estadual Parque Piratininga II, salienta que “há dificuldade de propor alguma coisa. É difícil ir ao cinema, ao teatro, pois [os alunos] não têm dinheiro. Os estudantes admiram a escola. Eu acho que eles vêm à escola como atração do bairro. A comunidade vai visitá-la”.

Os adolescentes das periferias convivem com a violência estrutural e eles se deparam com menos chances e com mais demandas do que os das gerações anteriores. Muitas vezes, perante os desafios atuais, a adesão a escolhas negativas e desfavoráveis compromete o seu desenvolvimento saudável (SENNA; DESSEN, 2012). A pesquisa de Ozella e Aguiar (2008) aponta que, para os adolescentes de classes C, D e E, a violência não é vista como uma ameaça, mas é banalizada, rotineira e natural.

A violência reflete a desregulamentação social; as normas e as regras sociais não são importantes para mediar as situações de conflito. Esse aspecto aparece nos contextos de desenvolvimento apresentados no documentário. A diretora Suzana, da Escola Estadual Levi Carneiro, localizada na periferia de São Paulo, relata:

Os pais são violentos. É muito comum os pais que batem na mãe, pais bandidos, pais que morrem assassinados. Esse tipo de coisas eles estão vendo continuamente e, de uns 4 a 5 anos para cá, isso tem ficado pior. Acho que é reflexo do que está aí na sociedade. A escola não é diferente do mundo, o mundo está aí e refletindo neles. Faz parte do cotidiano deles a agressividade. A vida deles é tão dura, tão sem graça, tão difícil que tanto faz eles morrerem ou irem para a FEBEM. A gente sente muito isso. Eles não têm o que perder. Tanto faz.

Um dos desafios para o desenvolvimento positivo do adolescente na sociedade de consumo tem relação com a constituição das relações sociais, que, na acepção de Bauman (2001/2008) e de Campos e Souza (2003), podem ser caracterizadas como líquidas, distantes, frágeis e individualizadas. O indivíduo pode ser alvo da violência que, às vezes se tornou naturalizada e banal, como sugere o relato da adolescente, não identificada, no documentário:

Ela quis me barrar na festa. Falou que eu era penetra. Botou a mão e falou que eu não ia entrar. Eu só pensei: - Ela tem que morrer! Na segunda-feira, eu cheguei; aí eu esperei

ela. Eu fui procurar ela no intervalo. Não encontrei na sala, mas encontrei ela no corredor. Queria que ela morresse na hora, só que ela não morreu. Ainda ficou dez minutos ainda viva... Depois que ela morreu. Não dá nada matar sendo de menor. Três anos passa rápido. A vida dela um dia ia acabar logo. Eu só adiantei.

Na sociedade capitalista, a desregulamentação social afeta o desenvolvimento dos adolescentes. Sobre o tema, Bauman (2008) destaca que a estimulação substituiu a coerção e a sedução, as normas sociais, com uma possível inversão das relações entre os princípios de prazer e de realidade.

Concernente à situação de violência no contexto educacional, a escola é convocada a lidar com várias demandas para as quais não está preparada. No quadro institucional da escola pública, há fatores que têm fragilizado os processos de desenvolvimento no contexto escolar e a atuação do professor (LIBÂNEO, 1997). Mas, o professor tem o papel de acolher, nutrir, sustentar e confrontar o educando, oferecendo-lhe meios para que construa e siga o seu percurso de maneira criativa e independente (LUCKESI, 2009).

As demandas postas pelos estudantes no contexto escolar são influenciadas pela ideologia capitalista. Os adolescentes são convocados e estimulados a assumir o papel de consumidor e, na falta de capital financeiro, possivelmente eles optam por quebrar as normas e regras sociais para atingir esse *status*.

Numa sociedade de viciados em comprar, os pobres não podem desviar os olhos, não existe mais para onde olhar e o desejo de experimentar se torna irresistível (BAUMAN, 2008). Neste sentido, os adolescentes influenciados pelo *vale tudo do consumo* podem assumir posturas comprometedoras quanto ao seu desenvolvimento positivo, aspecto presente no relato de um grupo de adolescentes de uma escola não identificada no documentário ao colocar que:

Na escola, estuda, faz tudo certinho. Chega na hora do emprego, não tem. Aí, o que é que vai dá? Pô. Vou meter as caras, vou roubar um hoje. Eu não roubo, tem que trabalhar na boca mesmo para arrumar o dinheiro. Nem sei se vou estar vivo amanhã. Não tenho nem mais sonho de criança. Até os políticos ricos roubam. Eles roubam milhões e milhões e não são presos. São todos corruptos.

Esse diálogo corrobora a ideia de Campos e Souza (2003) ao pontuarem que o mercado gera uma ilusão ao prometer o ideal de igualdade e liberdade no discurso transmitido e reforçado pela mídia, quando todos são apresentados como iguais, mas a sociedade/a mídia/o mercado escolhe apenas quem consome. As diferenças econômicas revelam o quanto as condições objetivas são constitutivas, o quanto geram outras maneiras de ser adolescente com outras significações construídas na coletividade e nas relações sociais (OZELLA; AGUIAR, 2008).

As demandas dos adolescentes do documentário comungam com as ideias de Libâneo (1997), ou seja, as camadas sociais mais pobres são as mais prejudicadas, porque a instituição escolar e os educadores ou ignoram as diferenças sociais e culturais, ou não dispõem de competência para lidar com elas. As aprendizagens desenvolvidas nas escolas sofrem elevada concorrência da mídia e de outros ambientes que se mostram mais atrativos.

Libâneo (1997) ainda ressalta que, mesmo que a escola seja o espaço mais apropriado para a conquista da cultura, da ciência e do desenvolvimento intelectual, suas condições de funcionamento são bastante modestas para disputar espaço com os meios de comunicação e outras linguagens. Ele ainda aponta que, para se enfrentar as exigências do pós-industrialismo, considerando a formação cidadã-crítica, é necessário que os educadores sejam preparados nos mesmos requisitos propostos aos estudantes.

Outro exemplo apresentado no documentário que demonstra processos inibidores do desenvolvimento positivo, aparece na história do adolescente Deivison Douglas, 16 anos, estudante do Colégio Estadual Guadalajara, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, situado a poucos metros de uma *boca de fumo*:

Um maior tempão que vejo isso. Tô vendo isso no dia a dia. Ali onde eu moro, rola essas paradas. Não vou falar para você que nunca segurei armas, que estou mentindo; que nunca usei uma droga, que tô mentindo. Claro que já. No baile, rola; eu acho maneiro. Você vê o cara com a arma... Mas nunca deixei me influenciar.

Edilene, responsável pelo núcleo de cultura da escola, salienta que Deivison já usou drogas, andou com arma e quer assumir um comportamento que não é dele. “Se você conhecer o Douglas, você vai ver que ele não tem nada a ver com a bandidagem. [...] O fato de ele ser da banda pesou”. Observa-se que, embora Deivison não tenha desejo intrínseco de fazer parte da bandidagem, ele utiliza as marcas, os sinais, os signos inerentes àquele grupo como forma de pertencimento.

O relato de Edilene vai ao encontro das ideias propostas por Luckesi (2009) que aponta que o educador é aquele que favorece as condições que potencializam o processo de autodesenvolvimento do estudante, criando espaços de receptividade, de condições para que ele se sinta num espaço seguro, sem ameaças, julgamentos ou desqualificações e que lhe possibilitem crescimento, o que, em última instância, cria práticas propícias ao desenvolvimento positivo do estudante.

De maneira geral, nota-se que os contextos educativos apresentados no documentário, em sua maioria, não atenderam às demandas reais dos adolescentes. Até mesmo o Colégio Santa Cruz, que apresentou disponibilidade de recursos econômicos, distanciou sua atenção para a frase “Que merda de aula” e para as emoções dos estudantes que “choram no dia que recebem as provas”.

Também na escola Estadual Dias Lima, localizada em Inajá, em

Pernambuco, a estudante Valéria, 16 anos, gosta muito de ler e de escrever poemas, e relatou que “às vezes, a professora me manda fazer uma redação. Eu faço, mas, na maioria das vezes, ela não considera, porque acha que não foi de minha autoria, que não fui eu que fiz”.

Nota-se que os espaços de diálogo, para ouvir os adolescentes na sua singularidade nos contextos apresentados no documentário são restritos, destacando uma reprodução de ideologias e modelos impostos pela cultura de consumo. A exemplo disso, nota-se o processo de *mcdonalização* das escolas, com a preparação frenética dos adolescentes para competir, ter e consumir, seguindo a lógica neoliberal capitalista.

Discutindo e criticando esse modelo, Gentili (1996) coloca que, na lógica neoliberal, a função da educação é a transmissão de certas competências e habilidades necessárias para a atuação competitiva num mercado de trabalho altamente seletivo e cada vez mais restrito. Assim, sugere-se que, dentro da lógica do capitalismo neoliberal, muitos dos temas presentes no documentário “Pro dia nascer feliz”, tais como desigualdades sociais, existencialismo, sexualidade, vínculo familiar e afetividade, não foram qualificados como elementos relevantes para o desenvolvimento positivo do adolescente, sendo deixado à margem no contexto escolar.

Na cultura de consumo, a visão de educação assumiu uma perspectiva de competição, voltada para o *ter*. Contrapondo-se a essa ideologia, Luckesi (2009) salienta que o educador é um profissional que faz investimentos no estudante, buscando, além da sua aprovação nos exames escolares, a aprendizagem voltada à formação de um cidadão saudável para si mesmo e para o convívio com os outros. Um cidadão que substitua o *ter* pelo *ser*.

A partir da análise do documentário, sugere-se que, imerso na lógica da cultura consumista, o adolescente é alvo de violência física, social, econômica e simbólica e que os contextos onde eles vivem muitas vezes não têm sido favoráveis para o seu desenvolvimento positivo. Assim, imerso na cultura capitalista, é possível que a vivência da adolescência tenha significado e sentido que são influenciados pela condição social, econômica e pela realidade social. É na dialética da subjetividade e da objetividade que os significados para a adolescência são construídos (OZELLA; AGUIAR, 2008).

Considerando o exposto, sugere-se que a cultura consumista influenciou o estilo de vida adotado pelos adolescentes do documentário. Destaca-se, por exemplo, a condição de desvantagem econômica de adolescentes associada à violência física e a atos infracionais e a condição econômica mais favorável relacionada à competitividade e à individualidade. Porém, curioso salienta que, em ambas as classes, nas relações familiares fragilizadas com a valoração do *ter* em detrimento do *ser*, os adolescentes carregam as marcas do capitalismo sendo que, direta ou indiretamente, a sociedade de consumo influencia o seu desenvolvimento.

As realidades apresentadas no documentário comungam com a ideia de Frota (2007) que defende que a adolescência deve ser vista além da idade

cronológica, além da puberdade e transformações físicas que ela acarreta, além dos ritos de passagem ou de elementos determinados aprioristicamente ou de modo natural. Ela deve ser problematizada como categoria que se constrói, se exercita e se reconstrói dentro de uma história, sociedade, cultura e de um tempo específico.

Da escola, como contexto possibilitador de processos desenvolvimentais, é esperado que as vivências dos adolescentes que ultrapassam os seus muros sejam percebidas e trabalhadas. No documentário "Pro dia nascer feliz", a adolescente Keila, da Escola Estadual Parque Piratininga II, vivencia momentos de solidão e desejo de desistir da vida.

O projeto de poesia desenvolvido no contexto escolar, sob a coordenação da professora Celsa, voltado às questões e discussões do cotidiano, possibilitou à adolescente processos desenvolvimentais, pois emergiram novos sentidos para as suas incertezas e questionamentos. O professor, por conviver quase que diariamente com os adolescentes, tem possibilidade de desenvolver uma relação próxima, de confiança e de trocas. Nessa relação, às vezes, as situações cotidianas vividas pelos adolescentes podem ser compartilhadas e, assim, os vínculos estabelecidos possibilitam que o professor funcione como figura de apego e segurança. Para promover o desenvolvimento positivo do jovem, são precisos a identificação de seus recursos pessoais e, posteriormente, a elaboração de programas específicos de estimulação (SENNA; DESSEN, 2012).

As expectativas dos contextos de convivência e as necessidades geradas e impostas pela sociedade capitalista possibilitam que o adolescente vivencie dilemas e anseios. Sobre essa questão, a adolescente Ciça, 16 anos, do Colégio Santa Cruz, salienta que "as pessoas olham para mim e falam: 'essa menina só estuda!' Menos meninos se interessaram por mim. Fiquei apenas com um menino o ano inteiro!"

Observam-se as influências do contexto histórico, social e cultural nos processos desenvolvimentais dessa adolescente que busca a inserção profissional, o reconhecimento social, mas que, ao mesmo tempo, vivencia a liquidez e ausência de relações afetivas. Segundo Castro (1998), a cultura de consumo tem um componente ideológico que está articulado à ideia de que o desejo humano é constantemente ativado pela ausência, pela falta. O ato de consumir e a decisão sobre o que consumir ganhou uma importância decisiva para demarcar o lugar das pessoas no mundo social. Na cultura de consumo, as pessoas têm atos, prioridades e corpos marcados pelo consumo e são valoradas através dos objetos que consomem.

Uma das possibilidades para o contexto escolar contribuir com o desenvolvimento positivo do adolescente é potencializar o agir crítico, voltado ao exercício da cidadania, à valorização da democracia, da igualdade, da liberdade e do ser. Nota-se que os contextos escolares apresentados no documentário, em sua maioria, distanciaram-se disso e não conseguiram atender ao pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas.

As demandas reais dos adolescentes precisam ser trabalhadas na prática pedagógica para que o contexto escolar se torne mais significativo. É necessário um investimento no domínio dos conteúdos, tendo como referência a realidade social, o mundo real, articulando a construção do conhecimento com as implicações e exigências do mundo onde vive o aprendiz (LIBÂNEO, 1997). O contexto escolar é ambiente de vida e, por isso, espera-se que ele funcione como um auxílio, um suporte para que o adolescente possa vivenciar novas experiências que sejam positivas.

Considerações finais

A partir das experiências e das vivências dos adolescentes apresentados no documentário, nota-se que é necessário que o contexto escolar, mesmo imerso na cultura de consumo, seja o espaço em que a cultura seja questionada. Assim, será um *locus* possibilitador do desenvolvimento do estudante, considerando as suas singularidades e demandas reais.

O documentário demonstra a necessidade de maiores investimentos em escolas públicas, nas quais os estudantes enfrentam dificuldades para se manter. É preciso buscar caminhos, construir estratégias de enfrentamento e forjar resistência frente à naturalização das desigualdades sociais e da alienação capitalista que tornou indispensável o consumir. Mesmo inserida numa sociedade capitalista e sendo influenciada por sua ideologia, a escola pode funcionar como propulsora do desenvolvimento positivo do adolescente ao possibilitar-lhe caminhos voltados para a valoração do ser e da convivência social cidadã. Dessa forma, as agruras a que estão expostos os adolescentes serão minimizadas, o que contribuirá com a constituição de uma subjetividade saudável.

Referências

BAUMAN, Z. Cultura consumista. In: _____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008, p. 107-148.

_____. Individualidade. In: _____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 64-106.

BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 63-67, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a07.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2012.

_____. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 26-43, abr. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622004000100003&script=sci_arttext>. Acesso em: 14 jan. 2012.

CAMPOS, C. C. G.; SOUZA, S. J. Mídia, cultura do consumo e constituição da subjetividade na infância. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v. 23, n. 1, mar. 2003. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-

98932003000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 out. 2012.

CASTRO, L. R. Consumo e a infância barbarizada: elementos da modernização brasileira? In: _____. *Infância e adolescência na cultura do consumo*. Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998, p. 44-62. Disponível em <http://www.psicologia.ufrj.br/nipiac/images/stories/livros/infancia_e_adolescencia_na_cultura_do_consumo.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2012.

FROTA, A. M. M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. *Estudos e pesquisa em psicologia*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 144-157, jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15 out. 2012.

GENTILI, P. Neoliberalismo e educação: manual do usuário. In: SILVIA, T. T.; GENTILI, P. *Escola S.A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo*. Brasília: CNTE, 1996.

LIBÂNIO, J. C. Pedagogia e modernidade: presente e futuro da escola. In: GHIRALDELLI JUNIOR, P. (Org.). *Infância, escola e modernidade*. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997, p. 127-76.

LUCKESI, C. C. O educador: qual o seu papel na contemporaneidade? In: D'ÁVILA, C. (Org.). *Ser professor na contemporaneidade: desafio, ludicidade e protagonismo*. Curitiba: Editora CRV, 2009, p. 41-52.

OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. Desmistificando a concepção de adolescência. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 38, n. 133, p. 95-127, jan./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n133/a05v38n133>>. Acesso em: 20 abr. 2012.

SENN, S. R. C. M.; DESSEN, M. A. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 28, n. 1, p. 101-108, mar. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n1/13.pdf>>. Acesso em: 30 jul. 2012.

TAMBELLINI, F. R.; JARDIM, J.. *Pro Dia Nascer Feliz* [Documentário]. Produção de Flávio Ramos Tambellini, direção: João Jardim. Rio de Janeiro: Globo Filmes, 2005. Mídia DVD, NTSC, LETTERBOX, 88 min, som Villa-Lobos.